

NARRATIVAS DA CULTURA DA (IN) SEGURANÇA E VIOLÊNCIA NO SERTÃO DE CANUDOS: ECOS DA PRESENÇA MILITAR DA GUERRA SEGUNDO CALASANS E O POVO DE CANUDOS

Data de aceite: 02/05/2023

Marcio Ronaldo Rodrigues Vieira

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural – PÓS-CRÍTICA – Turma Especial de Canudos-BA, Departamento de Letras da Universidade do Estado da Bahia – DALARTES - CAMPUS II- Professor de Filosofia da UNEB DEDC XV Valença – BA. Filho de Martiniano Rodrigues Vieira e Joana Pereira Vieira
<http://lattes.cnpq.br/3572273775751887>

RESUMO: O presente trabalho busca refletir sobre o signo da cultura da violência no Sertão de Canudos e o papel da presença dos militares na Guerra de Canudos na fala do povo e na literatura de José Calasans, inspirado numa Roda de conversas com jovens de Canudos-BA, sobre o tema. Refletir uma arqueologia do pensamento e da memória onde suscita uma leitura histórica da Guerra de Canudos e o cotidiano da violência na atualidade, a presença militar, corroborada pelo excesso de armas, seca, fome, violações dos direitos com o povo da região que vive nesta Guerra Cultural. Início da pesquisa, coleta de dados, leituras, reunindo material escrito e de imagens com o objetivo de produção da

fortuna de Calasans. A metodologia utilizada através de documentos bibliográficos, registros fotográficos, levantamento de referências bibliográficas, leituras de teses e trabalhos escritos. Considera a importância da oralidade, biografia de si em um estudo etnográfico com o auxílio da literatura e dos clássicos. Resultados esperados: contorno e ampliação da roda de pesquisa ação como um lugar teórico, além de fontes de dados; melhor recorte e estabelecimento do objeto de pesquisa, considerando o estágio de guerra cultural no Brasil. Autores mobilizados, além de da fortuna crítica sobre Arendt, Foucault: Agamben, Bataille, Barthes Calasans, Cunha, Rocha, Zilly, entre outros.

PALAVRAS- CHAVE: Cultura. Violência. Segurança. Guerra de Canudos.

NARRATIVES OF THE CULTURE OF (IN)SECURITY AND VIOLENCE IN THE SERTÃO DE CANUDOS: ECHOES OF THE MILITARY PRESENCE OF THE WAR ACCORDING TO CALASANS AND THE PEOPLE OF CANUDOS

ABSTRACT: This paper aims to reflect on the sign of the culture of violence in Sertão

de Canudos/Bahia and the role military's presence in Guerra de Canudos, as well as people's speech and José Calasans's literature. This research was inspired by a round of conversations with young people from Canudos-BA, Therefore it reflects an archeology thought and memory which raises a historical reading about War of Canudos and the daily life of violence today, the military presence corroborated by the excess of weapons, drought, hunger, violations of those people's rights. It was done researches, data collection, readings, gathering written material and images, aiming of producing Calasans's fortune. This is a bibliographical research based on documents, photographic records, and readings. It considers the importance of orality, self-biography in an ethnographic study through literature and classics. Expected results: outline and expand the action research, rounds, and data sources as a theoretical place; in addition cut and establish the research object, considering the cultural war stage in Brazil. Mobilized authors: critical fortune on Arendt, Foucault: Agamben, Bataille, Barthes Calasans, Cunha, Rocha, Zilly, among others.

KEYWORDS: Culture; Violence ; Security; Sertão of Canudos.

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho representa o relato de uma atividade de pesquisa e ação junto a comunidade de Canudos-BA, resultado do trabalho do componente: Seminário Avançado II ministrada pelo Dr. Osmar Moreira Santos, Coordenador do Programa Doutorado em Crítica Cultural. O cenário de um importante fato histórico no fim do século, relatado e registrado na História através de fotos, artes, literatura, pesquisa científica desenvolvida no mundo inteiro por diversas universidades e instituições e pesquisadores que se dedicam a construir dados fundamentais para a manutenção da cultura, e preservação da memória. A Guerra de Canudos¹ registrada na obra de “Os Sertões” de Euclides da Cunha, na novela: “Guerra do Fim do Mundo” de Mario Vargas Llosa, entre dezenas de escritores e pesquisadores a exemplo do professor sergipano que viveu na Bahia Professor José Calasans² e dedicou parte da sua vida em desenvolver sua pesquisa em Canudos e região, tem me inspirado a dedicar ao tema desse Doutorado.

Uma das razões que dedico a escrever esse tema sobre:” Narrativas da Cultura da (in) segurança e violência no Sertão de Canudos :Ecos da presença militar da Guerra segundo Calasans e o Povo de Canudos,” resultado de uma Roda de Conversa, com jovens que fazem parte do “Projeto Canudos”, uma atividade multidisciplinar de Filosofia, Literatura, antropologia, História e Geografia do Colégio Estadual Luís Cabral, envolve professores e duas turmas do Ensino Médio compostas por jovens alunos que durante o ano letivo dedica-se a estudar, ler, escrever, visitar museu, conversar e entrevistar antigos

1 Guerra de Canudos ou a campanha de Canudos foi resultado de um grande movimento social que explodiu no Brasil no final do século XIX em 1897, no Sertão da Bahia, “Cidade de Deus”, conhecido como Belo Monte. O extermínio de aproximadamente 25 mil habitantes entre homens, mulheres, crianças e idosos, manchou de sangue a História Nacional. Seu líder Antônio Conselheiro, foi personagem mais importante dessa epopeia.

2 Nasceu em Aracaju SE, no dia 14 de julho de 1915. Estudou Direito na Faculdade de Direito da Bahia entre 1933 a 1937. Atuou como Professor de História na Universidade Federal da Bahia quando fixou residência em Salvador em 1947, construiu sua grandiosa sobre a Guerra de Canudos entre tantos escritos e produções.

moradores da cidade sobre testemunhos da Guerra de Canudos, eles ainda participam de feiras literárias como a FLICAN (Feira Literária de Canudos) realizada todos os anos pela Universidade Estadual da Bahia-UNEB, presente na cidade a mais de três décadas. Como atividade do Doutorado eu acompanhei esses jovens e realizamos uma Roda de Conversa com esse tema.

Apresentar o uma leitura da literatura e da Linguagem e sua importância para pesquisa desenvolvida no Sertão de Canudos, Bahia, onde acontece a Turma Especial do Doutorado em Pós Graduação em Crítica Cultural oferecido pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB através do Departamento de Letras do Campus II. Esse Programa é especial por se uma turma única com toda a temática voltada para Literatura da Guerra de Canudos, a cultural e linguagem do Território cenário de um dos maiores massacres da história do Brasil início da República, tema de os Sertões de Euclides da Cunha, entre outros autores, toda tessitura deste artigo é fruto das aulas do Doutorado.

Segundo (Cunha,2002, p.40) “O Sertão é um paraíso”. Em uma transcendência entre a savana e o sol, montanhas que embelezam o Raso da Catarina, (cadeia de montanhas que vai de canudos a Paulo Afonso na Bahia) com arvores que constitui uma flora e fauna diversa, é uma fonte de pesquisa e estudos para a juventude da região, que inspirados por um grupo de professores formam o “Projeto Canudos”, um trabalho pedagógico que envolve: Ensino, Extensão e Pesquisa no ensino médio no Colégio Estadual Luís Cabral na cidade de Canudos-BA. Multidisciplinar e transversal compreende Literatura, Filosofia, Geografia, História, Língua Portuguesa, Artes. Duas turmas do Ensino Médio fazem parte do projeto que dura todo o ano letivo. Consiste em visitar museus, aula pública no Parque Nacional de Canudos, participação de Feiras Literárias, Viagem pela região do Território, visita e entrevistas a filhos de conselheiristas, encontro com pesquisadores, palestras, participação da romaria da terra, eventos religiosos, comemorações de datas sobre o episódio.

Ao propor esse tema em discussão após escutá-los, para uma roda de conversa, realizamos pensando no momento conjuntural que atravessa o Brasil que após anos de conquista democrática, se depara com uma eleição de um presidente e grupo de extrema direita que defende as ideias do fascismo, com resquícios dos nazistas, operam a defesa e justificação do golpe militar de 1964, justificando as tortura e o papel “histórico” do “Exército Brasileiro” e das “Forças Armadas” como centro da defesa do país contra o que chamam de “volta do Comunismo”. Ideias de ódio e violência tem explodido no Brasil, um crescente aumento do porte de armas de fogo nas mãos de civis com o favorecimento do Estado e afrouxamento das leis de armas. Esta violência explodiu de forma assustadora. seja pela colonização através do massacre e escravidão indígena, escravidão negra, lutas de resistência popular, luta pela terra, contra a fome e seca, e as migrações e êxodos do povo nordestino por melhores condições de vida. Segundo (Rocha, 2021, p. 30):

“Depois do golpe, o grande autor de esquerda que passou a ser lido no Brasil foi Gramsci, e ele tem o conceito de marxismo cultural. Então o marxismo tem que ser vendido na escola, no teatro, na novela, no filme, na música, e, você olhar o marxismo de 64, é isso que vê.”

O autor ao escrever esse ensaio, descreve a realidade que permeou o mandato de um presidente eleito no Brasil de (2018-2022), que apesar de receber 126 pedidos de impeachment no Congresso Nacional foi sustentando e mantido pela burguesia brasileira, políticos, igrejas evangélicas (setores conservadores, pentecostais, igrejas eletrônicas), setores da igreja católica, setores dos judeus, maçons, latifundiários, milícias, crime organizado, entidades fascistas e nazistas, direita americana, militares, e grupos de juristas e jornalistas que promoveram o golpe constitucional parlamentar contra a presidente Dilma Rousseff, primeira mulher legitimamente eleita que contrariou setores corruptos do país. A guerra Cultural da qual se refere João Cezar de Castro Rocha, implica em uma visão de mundo bélico, uma linguagem do ódio e da mentira que assaltou as redes sociais, labirintos e teorias conspiratórias contra a democracia e o Estado de Direito que culminou com a destruição de Brasília em um ataque planejado e orquestrado por empresários e militares e políticos que destruiu as três sedes do poder político no Brasil em 8 de janeiro de 2023. Um retorno a lei de segurança nacional de 1969, sustentação de uma pauta reacionária que favorece o analfabetismo político, feminicídio defesa do machismo, criminalização do pobre como afirma Adela Cortina filósofa espanhola a “Aparofobia” que se traduz ao horror a pobre. São elementos denunciados nesta obra. Criar uma linguagem para dar conta do agônico momento contemporâneo.

Ao construir uma cidade no Sertão da Bahia ao lado Rio Vaza Barris, denominado de Arraial do Belo Monte, sobre a liderança de um religioso o Beato Antônio Mendes Maciel ou Antônio Conselheiro que exercia uma liderança numa terra onde todos os pobres eram acolhidos, ninguém passava fome ou sede. Sobre a bandeira da fé no Bom Jesus, com uma organização comunitária que sua estrutura havia comercio, plantação, criação de animais, grupo de segurança, plantação de alimentos e criação de animais domésticos. Muitos boatos e ecos contra a comunidade começam aparecer na imprensa, na elite baiana dos coronéis e políticos da região, através de religiosos da alta cúpula da Igreja Católica, que Canudos era um reduto monarquista e cultuava a figura do Império em um país que acabava de proclamar a República.

Foi o suficiente entre outros acontecimentos registrados pela história para começar o processo de perseguição e destruição da experiencia popular. A Guerra violenta e desigual contra o povo foi um verdadeiro extermínio. O Estado Maior da Guerra através do Exército Brasileiro se fez autor desse massacre contra homens, mulheres, idosos, crianças. O Sertão conhece a violência de perto.

A busca por documentos e dados sobre os episódios da Guerra de Canudos, testemunhos, comprovações, informações jornalísticas da época têm produzido muitas

fontes de informações importantes e fundamentais nos programas e centros de pesquisa. Essa atividade é uma ação social de esclarecer fatos nas perspectivas do não herói os poucos sobreviventes e seus herdeiros, que foram marcados pela perseguição e alcunha de “rebelde”. Um dos objetivos principais da presença da Universidade no que restou do teatro da guerra é assegurar uma versão justa das vítimas, demarcar território da sua função social. Os jovens do Projeto Canudos cumprem um papel importante ao incluir a história de seu povo e território no currículo escolar mesmo antes do Estado conceder. Já é uma grande vitória assegurar a memória viva.

2 | O DIÁLOGO DE SABERES NO ENCONTRO DAS IDENTIDADES

Ao construir sobre as narrativas de utopias e mitos de fundação, a ideia de um país agrário, com uma unidade nacional forçada de forma folclórica, numa tentativa equivocada de unidade racial fruto de uma malograda teoria da harmonia racial empreende e alimenta um nacionalismo o Brasil propagado como paraíso tropical de lindas florestas, belas montanhas, rios e cachoeiras, frutas e flores coloridas todo um véu para esconder o massacre e extermínio dos povos indígenas ontem e hoje ainda se repete, a escravidão negra que contrabandeou africanos para trabalhos forçados nas lavouras de cacau, cana de açúcar, fumo, café e minérios, ainda tenta encobrir as rebeliões sufocadas de forma violenta e colonialista em todo país em quase todas as províncias, onde a guerra de Canudos não pode passar como uma tragédia esquecida e isolada. Segundo (Calasans, 1997 p.85)

“Canudos ou Belo Monte teria sido, em curto prazo, o maior movimento messiânico da História do Brasil. O fenômeno padre Cícero, reunindo uma grande população em Juazeiro, criando na alma do povo maiores raízes, desenvolveu-se durante mais dilatado espaço de tempo. No arraial do Vaza-Barris, porém, os fatos se sucederam apressadamente e a migração de caráter messiânico para ali encaminhada criou problemas muito sérios de segurança, de higiene, de nucleamento humano, de abastecimento. “

A experiência de Canudos antes mesmo de nascer já sofria com a pressão dos políticos da região, a exemplo do Barão de Jeremoabo que controlava uma capitania hereditária de território (o território vai das margens do Itapicuru na divisa hoje com Sergipe á praia dos Gacez em Juagaripe no Reconva da Bahia, onde hoje são herdeiros seus parentes diretos com o banqueiro Daniel Dantas Tourinho, ele vigiava Canudos bem de perto, passando informações preciosa para a Republica, as vezes em forma de artigos em jornais da capital. O que foi canudos ? Contou o Barão de Jeremoabo, num artigo publicado no Jornal de Noticias (4 de março de 1897), que após a abolição grande parte da mão de obra das fazendas deixou as propriedades onde trabalhava e foi para a companhia do Santo Conselheiro, causando, diz o articulista, grande prejuízo aos seus antigossenhores. No livro de batizados da freguesia do Cumbe, registrando batismos realizados em outubro de 1896, poucos dias antes do início do sangrento conflito, é quase tudo gente “parda”,

talvez filhos de ex-escravos. Quanto à presença de “caboclos”, descendentes de índios, há igualmente documentação convincente. Segundo (Calasans,1997 p.85):

“Acreditando nos milagres do Bom Jesus, mais anunciados pelos seus partidários do que por ele próprio, muito preocupado em assegurar que não era Deus, mas sim um peregrino, um miserável pecador, milhares de brasileiros, pobres e remediados, homens e mulheres, velhos e meninos, brancos, índios, negros, mestiços deixaram suas terras, abandonaram seus bens, afastaram-se dos seus parentes, dos seus compadres e afilhados e foram viver, matar e morrer num longínquo chão sertanejo, numa fazenda de criar em decadência, rapidamente transformada num verdadeiro centro humano, num autêntico formigueiro de gente. Os casebres desalinhados, surgidos da noite para o dia, diariamente numa média de doze, em certa fase, formavam um intrincado de ruelas, uma mistura de quintais e portas de frente, onde se foram localizar milhares de seres humanos na esperança de melhores dias, que chegariam, certamente, com a volta do Príncipe, anunciada nas profecias de frei Vital, confirmada pela palavra oracular do Conselheiro.”

As primeiras trinta páginas sobre a Cartografia de Canudos, escrita por José Calasans , faz um relato sobre o papel que teve a imprensa em uma guerra cultural contra Antônio Conselheiro e seu povo, levantamento de sua vida no Ceará seus “Crimes” uma forma de cancelamento da época se é o que podemos chamar . Além de jornais hoje ainda renomados e e da época tem os rabudos ou jornais da região e provincianos que ajudam a desconstruir a imagem de SANTO de conselheiro e faz a opinião pública pensar contra ele e o movimento religioso. Construindo uma justificava para a guerra. Segundo (Calasans,1997 p.85): (Bahia Euclides da Cunha) Poeta desconhecido.

“Bem desgraçados são eles
Para fazerem eleição
Abatendo a lei de Deus
Suspendendo a lei do cão
62

Casamento vão fazendo
Só para o povo iludi
Vão casar o povo todo
No casamento civil
63

Saiu D. Pedro II
Para o Reino de Lisboa
Acabou-se a monarquia
o Brasil ficou atôa
64

Este povo está perdido
Está sem arrumação
O culpado disso tudo
É o chefe da nação.”

A Cultura do Sertão de forma rica, diversa, folclórica, expressão maior do povo, variada, fortalece o povo ampliando sua crença no sagrado, alimentando sua alma na fé religiosa, e mística, cultivando exemplos de santos e profetas guerreiros que resistiram

as perseguições do Império Romano ou da Monarquia que preenche e inunda o velho testamento da Bíblia. Mas além desta contradição o povo de Canudos era crente na figura do “REI”, como instituição divina, e contrariar esse princípio era contra a vontade de Deus. A defesa monarquia foi crucial para argumentar o combate ao movimento de Canudos, era inconcebível em plena república um reduto monarquista rebelde e messiânico. Elementos da contemporaneidade fortalece a identidade cultural do povo e enobrece sentimentos de resistências. Segundo (Agamben, 2009 p.59).

“A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela”.

Ao citar esse exemplo é muito comum a frase “quem está de fora enxerga melhor”; diria até que esse princípio é a base e legitimação para que procuremos ou aceitemos qualquer tipo de conselho. Ao buscarmos conselhos amenizamos os estragos na nossa relação, o grupo de Conselheiro não possuía um aparato de inteligência, mas uma rede de informação feita por comunidades vizinhas, amigos, admiradores, fornecedores e comerciantes ambulantes que tinham contato com os Vila Novas, e as famílias que possuíam o direito de comercio na comunidade.

A mesma lógica perpassa a concepção de que a intemperividade é característica indispensável ao contemporâneo. Não escutar alguns conselhos custou a os seguidores de Conselheiro um preço alto, buscar a parcimônia nas orações foi uma forma de reunir e agregar o povo em volta do Bom Jesus, religiosos forma dialogar com os conselheiristas, autoridades tentaram evitar o confronto. Mas sempre dando ao povo a pior opção de escolha, se render, destruir tudo, humilhação, renuncia a sua identidade e história, renegar seus princípios já firmados no batismo de sangue. Ao buscar conselhos ou opiniões externas, recorreremos não a qualquer um, mas ao amigo, aquele que trará o olhar de fora, mas que só pode fazê-lo por conhecer os elementos envolvidos; ele é externo, mas nunca alheio. Segundo (VIVEIROS-DE-CASTRO, 2002 p.237):

“Deixemos claro: os animais e outros entes dotados de alma não são sujeitos porque são humanos, mas o contrário — eles são humanos porque são sujeitos. Isto significa dizer que a Cultura é a natureza do Sujeito; ela é a forma pela qual todo agente experimenta sua própria natureza. O ‘animismo’ indígena não é uma projeção figurada das qualidades humanas substantivas sobre os não-humanos; o que ele exprime é uma equivalência real entre as relações que humanos e não-humanos mantêm consigo mesmos: os lobos vêem os lobos como os humanos vêem os humanos — como humanos. O homem pode bem ser, como sabemos, um “lobo para o homem”; mas, em outro sentido, o lobo é um homem para o lobo. Pois se, como sugerí, a condição comum aos humanos e animais é a humanidade, não a animalidade, é porque ‘humanidade’ é o nome da forma geral do Sujeito.”

A cultura do Sertanejo é eco forte e insistente, ecoa alto, nunca desiste, e acredita no seu destino, seu coração, era tarde demais para renunciar ao reino, se arrepender só de seus pecados, a palavra não tem volta. O signo da Cultura e elementos que constituíram a comunidade de Belo Monte os pesquisadores procuram entender as relações estabelecidas entre os integrantes e habitantes de Canudos na época e no contexto da Guerra. Havia índios? Escravos alforriados? Estrangeiros ou migrantes de outros países ou etnias? É possível que houvesse mulçumano? Religiões de matrizes africana? Prostitutas? Ou era uma sociedade sem nenhuma diversidade? São temas para uma longa pesquisa ou que já foi respondido nas milhares de pesquisas sobre Canudos. Segundo: (Calasans, 1997 pags.65-66).

“O Dr. Edgar Albertazzi, médico da expedição Febrônio de Brito, declara, em suas memórias inéditas, ter visto muitos feridos de flecha. Um saudoso pesquisador, Valentim Calderon, obteve depoimentos significativos de caboclos de Mirandela a respeito dos seus antepassados lutando ao lado da jagunçada. Segundo a tradição, que ouvimos no sertão, veio gente da aldeia de Rodelas, bem assim de Massacará. Em tais aldeamentos havia muita reclamação contra o tratamento que era atribuído aos descendentes de índios e por isto, provavelmente, a posição tomada ao lado do Bom Jesus Conselheiro. Pelo que nos foi possível constatar, alicerçado sobretudo na voz popular, o séquito do Bom Conselheiro reunia todas as “nações” do sertão. E pela presença de ex- escravos se pode até aventar a hipótese de ser Canudos o “último quilombo”.

Essa afirmativa constata uma composição do tecido social do movimento, a reunião de todos os que eram excluídos e oprimidos pelo sertão a fora. Quem seguiu Conselheiro, buscava alento material e espiritual, seguia as promessas proféticas de uma “Terra com rios de leite e montanhas de cuscuz”. Imagina esse paraíso.

3 | O SIGNO DA CULTURA DA VIOLÊNCIA NO SERTÃO

Para definir o Sertão (Cunha,2003, p.40) afirma com seu testemunho da beleza que o representa numa linguagem poética e literária usando um misto de fala e transcendência da linguagem expressa na paisagem da savana nordestina:

“E o sertão é um paraíso...Ressurge ao mesmo tempo a fauna resistente das catingas: disparam pelas baixadas úmidas os caititus esquivos; passam, em varas, pelas tigueiras, numas estrídulos estrepitar de maxilas percutindo, as queixadas de canela ruiva; correm pelos tabuleiros altos, em bandos, esporeando-se com os ferrões de solo de asas, as emas velocíssimas; e as seriemas de vozes lamentosas, e as sericóias vibrantes, cantam nos balseados, a fimbria dos banhados onde vem beber o tapir estacando um momento no seu trote brutal, inflexivelmente retilíneo, pela catinga, derrubando arvores; e as próprias suçuaranas, aterrando os mocós espertos que se aninham aos pares nas luras dos fraguados, pulam alegres, numa macegas altas, antes de quedarem nas tocais traiçoeiras aos veados ariscos ou novilho desgarrados.”

Quando as leituras e releituras de narrativas da realidade da pesquisa acerca da Guerra são reveladas, percebemos que temos que construir a crítica cultural para podermos usar da boa-fé e da coerência com a fato como ele ocorreu em seu contexto. Quando a Obra os Sertões completam cem anos de existência algo precisa ser dito, neste sentido as palavras são como labaredas de fogo. Segundo (Zilly 1997, pags.59-87).

“A incorporação de Os sertões aos cânones da literatura nacional e universal se deve relativamente pouco a seu valor documental ou historiográfico. O autor não passou muito tempo no próprio campo de batalha: menos de três semanas numa guerra que durou onze meses e cujos antecedentes remontam a décadas, se não séculos. Além disso, no tratamento das fontes, Euclides tem um procedimento em geral pouco digno de um historiador. Algumas vezes é até leviano ou irresponsável. Pensemos, por exemplo, naquilo que diz sobre as prédicas do Conselheiro, que comenta obviamente sem as ter lido, como se segue o lema tácito de certos críticos literários: “não li, nem gostei”.

O que é a crítica literária e como ela deve proceder? Essa é uma pergunta fundamental nesse debate de ideias sobre o tema. Quando alguém tem a coragem de questionar um clássico pelas razões mais diversas requer autoridade, e o pesquisador está credenciado para isto. Só temos a enriquecer de conhecimentos e informações importantes para nossa pesquisa. Ele ainda vaticina sobre a obra os Sertões quando afirma no mesmo artigo Segundo (Zilly 1997, pags.59-87).

“Quase todas as informações factuais e muitas de suas avaliações e reflexões encontram-se em outros autores, de modo que se pode dizer, sem exagerar demais, que, inexistindo o livro de Euclides, saberíamos as mesmas coisas sobre a guerra de Canudos. Nada perderíamos em termos de fatos, e muito pouco em termos de hipóteses e conclusões, algumas das quais perfeitamente dispensáveis. Ele não foi o primeiro a escrever um livro sobre Canudos. De certa forma, o autor de Os sertões foi uma das últimas testemunhas oculares que escreveram sobre o que presenciaram (Matos Martins, 1997, pp. XI-XVII [a 1ª ed. é de 1898]; Sampaio Neto et al., 1986, pp. 259-423), de modo que sua originalidade dificilmente consistiria na apresentação de novos fatos, mas tampouco consiste na inserção da guerra no arcabouço das teorias evolucionistas sobre as interações entre raça e civilização, seguindo, como anuncia programaticamente na nota preliminar, a visão que Gumplowicz tem da história como luta de raças, e apoiando-se amplamente nas teses de Nina Rodrigues (Hermann, 1996, pp. 126-50).”

A obra de Euclides da Cunha é importante contribuição a história, mas não é a única nem a última, essa realidade temos que encarar como pesquisadores, o universo de informações sobre o Sertão contido na obra reflete a multiplicidade de gêneros literários, as informações fundamentais como o clima, geografia, relevo, arvores e plantas, relatos, poemas, pichações, lendas, depoimentos, nada escapa ao jornalista e sua percepção, são valores importantes que enriquece e agrega ao texto valores. Ao Reunir a epopeia, lírico e drama formas básicas de literatura em um só livro além de ser investigativa instiga outros a continuarem a buscar mais dados e informações.” Os sertões são muitos livros em um

só” define (Jolles 1976).

O que Michel Foucault chama de arqueologia do pensamento, que constituem as ideias dos homens e a história dos homens. A violência que foi reservada a comunidade de Canudos, tinha que ser respondida, mesmo que em desvantagem. Segundo (Arendt 2022, p.10):

“A violência no século XX veio permeada pelo totalitarismo, tanto Stalin quanto Hitler encontraram na violência e na multiplicação de seus meios pela revolução tecnológica (a exemplo da bomba atômica) o seu denominador comum, os campos de concentração e o genocídio.”

O que é descrito pela escritora Hanna Arendt, os conflitos bélicos, massacre em massa de civis, genocídio, tortura, tipificam as modernas operações militares. (Arendt 2022) “Se a violência é glorificada, o que é esse fenômeno, que Sorel um dos seus teóricos e analogistas viu como descuido de obscuridade?” A Campanha de Canudos foi um exercício de experimentos de novos armamentos do Exército em combate, tecnologia do início do século, fim da monarquia e início da república proclamada sem o povo e por marechais e militares, utilizaram armas recém compradas do Exército Britânico em Canudos, rifle, fuzil, metralhadora: “A matadeira”, armas como canhões, eram armas de marcas estrangeiras, sendo utilizada por um bando de esquálidos, mulheres, crianças, idosos, jagunços, crianças. Segundo (Arendt 2022, p.20)

“A violência multiplica, com os instrumentos que a tecnologia fornece de maneira cada vez mais exponencial, por isso a forma extrema da violência é “um contra todos” o que surge do cano de uma arma não é poder, mas a sua negação e desse “poder de negação”. Não basta o seu oposto a violência não reconstrói a dialeticamente o poder. Paralisa e aniquila.”

A glorificação da violência em Canudos foi a Guerra em três versões macabras, mas ela começou antes do primeiro tiro, veio com a imprensa, os boatos, a propaganda, o papel conspiratório da Igreja, a guerra cultural da época em forma de ódio e difamação, calúnia, mentiras contra o Belo Monte e o Conselheiro. Para conter a violência em um Estado a medida mais assertiva de um Governo é combater a imprensa violenta e que produz muito estímulo nas palavras e manchetes. Essa violência reside até hoje nos civis, através do abandono do Estado na Segurança pública das comunidades: Assaltos a bancos e violência nas pequenas cidades, tráfico e cultivo de drogas, roubos de cargas, assaltos a ônibus, morte violentas e até mesmo execução sumária de jovens pobres, negros, feminicídios. Uma violência permanente desenhada na violência da seca, fome, falta de saúde, renda, terra, trabalho. O Estado Brasileiro não ofereceu nada além da violência e da sua ausência na região.

Aos poucos a democracia em frangalhos e anos de negação começa a ser restauradas em realidade cíclica de idas e vindas de mudanças de poder, políticas públicas são implementadas, como forma de reparação e tentativa de conter o povo a uma nova

guerra civil pela vida devastada pela desigualdade social gritante de recuperar o que foi roubado nos direitos desse povo sem restauração da sua dignidade. Considera políticas compensatórias, esmolas governamentais que não distribui renda, riqueza, lucros, capital, é um cala boca. “O povo vive como uma panela de pressão, a hora que vai explodir, vem o Governo e tira a tampa alivia a pressão”. Afirma dona Ana Conceição de 72 anos, numa rápida prosa enquanto vende café na feira de Canudos as sexta-feira 05:00 h da manhã. Segundo (Arendt 2022, p.22):

“Ninguém que tenha dedicado a pensar a história política pode permanecer alheio ao enorme papel que a violência sempre desempenhou nos negócios humanos, e, à primeira vista, é surpreendente que a violência tenha sido raramente escolhida como objeto de consideração essencial”

Mesmo após três campanhas que não obteve “vitória” (por quê, não foram vitoriosas) não houve vitória do Estado para o Estado quando mata os próprios filhos, houve massacre, extermínio, degola, estupro, tortura, em brasileiros matando brasileiros. Mesmo contente com o extermínio e celebrando a entrada em Canudos os soldados estavam envergonhados, não há glória na covardia. Mesmo não contente com a violência construíram anos depois um açude no Rio Vaza Barris, açude do Cocorobó, não foi pra trazer água pra combater a seca, foi pra apagar a história de Canudos e afogar seus mortos. Para esconder a vergonha da violência do Estado, esse povo se defendeu de uma agressão, tiveram ideários não tão articulados, existiu um massacre. E os massacres podem produzir em população de alto nível de organização ou baixos níveis de organização, Canudos não houve um alto nível de politização, isto fez muita diferença.

4 | A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA NA VIDA DOS JOVENS ENSINO MÉDIO

Esta Roda de conversa foi um primeiro passo para dialogar com a comunidade, escolhi os jovens, e o resultado foi muito satisfatório. Após o nosso encontro no Colégio Luís Cabral, marcamos uma visita ao Museu João de Regis no Campus Avançado de Canudos-BA, fizemos uma conversa e visitamos o Museu com ajuda dos educadores do Campus, iniciamos uma parceria onde acompanhamos através de nosso trabalho de presença em Canudos.

Esses jovens participaram da Feira Literária de Canudos FLICAN, Romaria da Terra da Paróquia, e na conclusão do ano letivo com uma mostra na escola. Sempre estão produzindo artes, textos, leituras e frequentando palestras sobre o tema. Já estamos organizando uma proposta de agenda para este ano de 2023. O trabalho de implementar pesquisa na escola no ensino médio sem incentivo de bolsas, recursos, bibliotecas ou equipamentos é muito difícil e desafiador. Acredito que com o engajamento da UNEB, podemos construir outras propostas, teatro, música, poesia, edição de textos, participação em eventos presenciais agora que pandemia da covid 19 está mais controlada.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho favorece uma aproximação com a comunidade para engajamento na luta que é permanente travada no cotiado. Nossa presença na cidade de Canudos, deve representar uma escuta sensível, e presença solidária, que se concretizará quando a Universidade contribuir com seu aparato, professores, pesquisadores, alunos, recursos, equipamentos, cursos e ofertas de graduações e pós graduações, nada terá sentido apenas participar de eventos, escrever sobre a temática e não se engajar nas demandas sociais e culturais deste povo. Considero que as atividades desenvolvidas nestas três décadas da presença da UNEB sejam efetivamente com resultados significativos para a população da região e do território. Temos muito que construir pontes e caminhos, levantar temas mais atuais e os efeitos da grande tragédia histórica, e saber retirar desta lição algo de importante para a cultura, turismo, emprego e renda, saúde, educação, segurança da população tanto alimentar, como institucional.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, GIORGIO. “O que é o Contemporâneo?” In: O que é o Contemporâneo? e outros ensaios; [tradutor Vinícius Nicastro Honesko]. — Chapecó, SC: Argos, 2009.

ARAS, José. No Sertão do Conselheiro. Salvador: Contexto e arte editorial. 2003.

ARENDT, Hanna. Sobre a Violência. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.2022

_____ Da Revolução. São Paulo. Ática . 1990.

BARTHES, Roland. Elementos de Semiologia. São Paulo: Cultrix.2020.

CALASANS, José. O Estado Maior de Antônio Conselheiro. São Paulo: GRD. 2000.

_____ Cartografia de Canudos. Salvador: EGBA. 1997.

CUNHA, Euclides. Os Sertões. São Paulo: Nova Cultural. 2003.

JOLLES, André, Formas simples: legenda, saga, mito, ditado, caso, memorável, conto, chiste. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix. 1976.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. José Calasans. A História Reconstituída. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas – UFBA. Salvador, 2004

ROCHA, João Cezar de Castro. Guerra Cultural e Retórico do ódio, crônica de um Brasil Pós Moderno. Goiânia: Caminhos. 2021.

VIVEIROS-DE-CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. Revista O que nos faz pensar Departamento de Filosofia Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. 2018.

ZILLY, Berthold Jul.- 1997 A guerra do sertão como evento de mídia na Europa de 1897. Em Anos 90, revista do Programa de Pós-Graduação em História, no 7, Porto Alegre, UFRGS, pp. 59-87.

WILLIAMS, Raimond. Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2008.